

## **BULLYING - PROBLEMÁTICA(S) DE TRADUÇÃO**

**Madalena Teixeira**

Instituto Politécnico de Santarém – ESE  
Universidade de Lisboa – CEAUL  
Universidade de Lisboa – CAPLE  
madalena.dt@gmail.com

**Paulo Osório**

Universidade da Beira Interior  
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL  
paulosorio@hotmail.com

### **Resumo**

Partindo da análise da unidade lexical “bullying”, pretendemos encetar uma breve explanação dos problemas inerentes ao acto de traduzir. Tomamos, assim, numa primeira fase do texto, os contornos significativos que determinadas unidades linguísticas podem assumir no domínio da língua. Posteriormente, problematizaremos o próprio acto de traduzir, na medida em que as supostas incorrecções presentes num texto traduzido podem advir não só de uma não conformidade de significados, mas também de uma não coincidência entre a pragmática, a semântica e a sintaxe. Finalmente, abordaremos a(s) tradução(ões) do termo “bullying” pelo recurso ao *Compara*.

**Palavras-chave:** Unidades lexicais; Tradução; Tipos de significados; *Bullying*.

### **Abstract**

Departing from the lexical unity bullying, we aim at initiating a brief explanation of the inherent problems of the translation activity. In this context, in a first part of the text, we take the significant configurations that certain linguistic unities may assume in the domain of the language. Later on, we shall try to render problematic the act of translating, in itself, in as much as the supposed inaccuracies of a translated text may not only come from a non conformity of signification, but also from a non coincidence between pragmatic, semantic and syntactic rules. Conclusively, we shall approach the possible translation(s) of the word bullying, using *Compara* program.



**Keywords:** Lexical unities; Translation; Types of signification; Bullying.

### **Breves Considerações Preliminares**

Ao tomarmos o signo linguístico *bullying*, somos, de imediato, transportados para uma área semântica que se relaciona com a fauna. Todavia, a realidade, sobretudo escolar, clarifica que a força semântica deste termo se relaciona com uma situação de “dominado” e de “dominador”. Apesar de esta palavra não integrar dicionários de língua portuguesa, ela vive, sem dúvida, na sociedade do século XXI, sendo actualizada, na sua forma original, pelos falantes, não obstante serem desconhecidas propostas de tradução para a mesma. Na verdade, a incompreensão significativa de algumas palavras estrangeiras abre, mormente, múltiplas direcções, exigindo estudos diacrónicos e sincrónicos. Por força de tais desideratos, é essencial que se perspetive a mudança linguística como factor determinante na entrada de novas palavras no sistema linguístico, bem como da sua substituição de umas por outras.

Muitas vezes, o conhecimento significativo de determinados signos linguísticos, como o caso em análise, provém do próprio uso linguístico e do respectivo contexto de actualização. Mesmo palavras estrangeiras entram no mundo lexical de outras línguas, em muito, pela crescente necessidade de colocar culturas e nações em estreito contacto. Não raro, os planos comercial, político e financeiro são alvo de considerações colectivas, mas também a língua e a cultura necessitam do seu espaço (a língua constrói a sociedade e esta é construída pela língua numa relação biunívoca). Urge, pois, a existência de uma melhor compreensão mútua entre os povos. Como nem todos os falantes detêm conhecimentos de outras línguas que não a materna e o acesso à tecnologia, ao texto científico e ao literário só ocorrem em determinados contextos, o recurso à tradução tem sido uma das metodologias para ultrapassar algumas das barreiras linguísticas. Todavia, a opção pela tradução não é sempre perfeita, na medida em que o tradutor, ao assumir o papel de mediador entre línguas e culturas, poderá, por vezes, incorrer em erros que, inevitavelmente, alargar-se-ão ao leitor do texto/produto traduzido. O trabalho de tradução é, amiúde, inglório, em virtude de, nem sempre, existir uma relação bidireccional nas línguas. Até mesmo dentro de uma dada língua natural, como o português, não há sinonímia nem antonímia completas. A tradução nunca é total, mas sempre parcial, em virtude das línguas possuírem, naturalmente, divergências idiossincráticas, entre si. Na verdade,

traduzir exige não apenas o conhecimento do sistema linguístico da outra língua, mas obriga ao domínio de variáveis sociolinguísticas, pragmáticas, culturais, entre outras.

### **Do Tradutor à Tradução**

As incorrecções do texto traduzido podem advir não só de uma não conformidade de significados, mas também da não coincidência entre a pragmática, a semântica e a sintaxe. Cada língua tem uma estrutura própria e um mundo significativo diverso. Para tanto, torna-se necessário que o tradutor efectue um trabalho ponderado e cuidadoso, articulando-o com factores inerentes à origem e à finalidade do produto, de modo a que não transpareça qualquer conceito subliminar ou criado inconscientemente. É, ainda, exigido ao tradutor, o conhecimento da cultura em que está plasmada a outra língua, significando que saber uma língua está para além do domínio cabal do seu sistema linguístico, como anteriormente referimos.

Todavia, o acto de traduzir parece, hodiernamente, facilitado pela informática, uma vez que, alguns programas possibilitam a recolha de elementos lexicais e, posterior, linearização, dependendo das solicitações do sujeito utilizador.

Será esta tradução tecnológica a mais adequada?

É pelo recurso a esta ferramenta que iremos verificar a intensidade da pragmática e da prosódia semântica na tradução do vocábulo *bullying*, juntamente com os restantes níveis funcionais, indicados no Dicionário da *Língua Portuguesa Contemporânea*<sup>1</sup>, bem como ainda indagarmos o papel do tradutor e da tradução, enquanto mediadores de culturas.

A fusão cultural não é perfeita e isenta de tensões, ou seja, não é lícito afirmar que a cultura de um povo é permeável às demais no que concerne à importação de conteúdos e à apropriação de elementos que lhe são estranhos, de um modo passivo e/ou pacífico. Um falante multilingue poderá deter conhecimentos de índole sintáctica, fonológica, semântica e até pragmática de uma língua não materna<sup>2</sup> e não conseguir atingir, na plenitude, um exercício de tradução, uma vez que a língua não funciona por si só, enquanto mecanismo de mera reprodução linguística. Por isso, traduzir não será uma mera transposição de signos, organizados de acordo com determinada sequencialização. Uma língua, ao ser actualizada, não deve e não pode esquecer todo

---

<sup>1</sup> A nossa opção radica no facto de considerarmos este dicionário um dos que regista maior número de entradas na Língua Portuguesa, na sua variedade europeia.

<sup>2</sup> Cf. Madeira (2008).



o contexto que a enforma.

A tradução não atinge o seu objectivo, se não houver uma reflexão imediata e de coexistência de um determinado conteúdo em diferentes línguas. É, então, fundamental que o tradutor detenha um conhecimento efectivo da realidade extralinguística da outra língua, uma vez que os níveis funcionais da língua são inerentes à cultura de um povo, que, em simultâneo, produz e usa os seus mecanismos de comunicação. O tradutor não verte, simplesmente, de uma língua para outra. O facto de um tradutor conhecer o significado e significante não implica que conheça a representação léxico-semântica que um dado signo comporta: se um português utiliza a expressão “Para mim isso é chinês!”, um francês utilizará “Cá c’est greak pour moi”.

Da tradução fazem, assim, parte vivências e conhecimentos que são transportados “de um mundo para o outro” e que preenchem, indubitavelmente, os pontos de indeterminação existentes em textos de géneros diversificados, dando-lhe, de certa forma, uma certa subjectividade, mediante os significados entendidos pelo tradutor. Para um melhor esclarecimento, atentemos na perspectiva sócio-semântica<sup>3</sup>, tendo em conta as possibilidades de interpretação trazidas pelos diferentes tipos de significados<sup>4</sup>, como se esclarece no Quadro 1:

Significado subjectivo	Verifica-se aquando do cruzamento entre dois factores essenciais: a subjectividade do próprio indivíduo e o léxico propriamente dito.
Significado analítico-descritivo	Ocorre durante a execução do relacionamento entre o léxico e o contexto exterior que circunda o falante.
Significado directo	Realiza-se, objectivamente, sem que haja interferências <sup>5</sup> de outra ordem.
Significado sócio-emotivo	Potenciado pela aglutinação dois espaços: o espaço psicológico e o espaço social que envolve e caracteriza o sujeito.

Quadro 1 – Tipos de Significados

A tipologia, anteriormente, traçada permite-nos fazer um estudo mais rigoroso

<sup>3</sup> Cf. Marques (1995).

<sup>4</sup> Cf. Teixeira (2008).

<sup>5</sup> Quando referimos “sem que haja interferências de outra ordem”, queremos dizer que a relação entre o léxico e o sujeito é tão objectiva quanto possível, cingindo-se o falante apenas ao “facto” – léxico.

no que respeita à significação e sistematização lexicais. No entanto, torna-se premente acrescentar que, embora tenhamos equacionado estes quatro tipos de significado, consideramos que eles se articulam entre si por dois motivos:

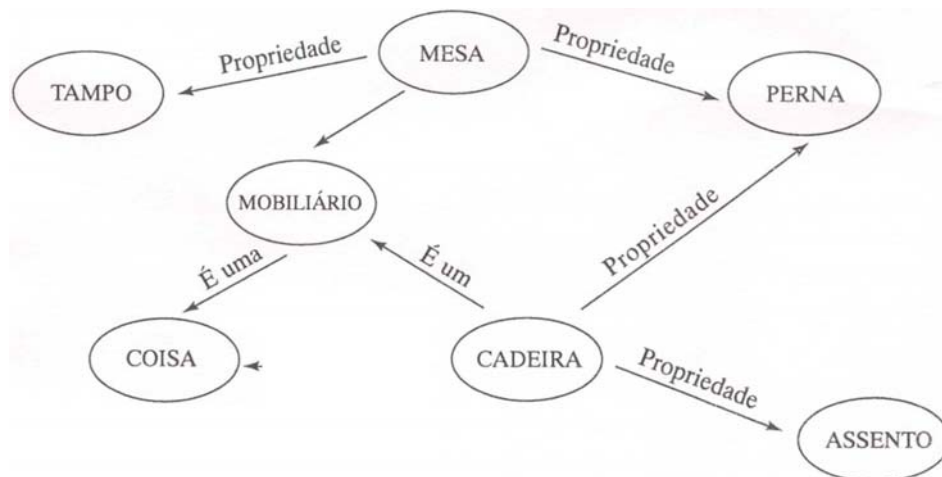
- a) primeiro, porque a significação se encontra, intrinsecamente, associada ao falante que a usa através do léxico, conduzindo a situações de carga subjectiva;
- b) segundo, porque essa vertente subjectiva é condicionada e moldada pelas vivências dos falantes, tanto exteriores, como interiores.

Tendo como ponto de partida este enquadramento, cabe-nos, agora, referir a forma como os significados de relacionam (Marques, 1995)<sup>6</sup>. Assim, segundo Marques (1995, p. 70), é fundamental que se execute uma análise de tipo componencial, pois esta tem por objectivo a segmentação de “...unidades linguísticas (exemplo: formas lexicais, sons), em componentes menores. Assim acontece em semântica, onde o conteúdo da forma lexical rapaz pode ser dado pela matiz (+ humano), (+- animado), (+ masculino), (- adulto)”. Deste modo, estamos perante uma “rede associativa”, isto é, um determinado vocábulo pode ser associado a um conjunto de outras palavras que são portadoras de identidades diferentes, mas que têm um ponto, ainda que tangencial, comum. O termo linguístico “rapaz”, na já mencionada estrutura de rede, pode ser um hipónimo, por exemplo, do hiperónimo de “ser humano”.

Será, no entanto, viável que tradutor e autor estejam em perfeita sintonia?

Duas culturas, duas idiossincracias! Aliás, quem traduz participa, tal como afirma Claramonte (1997, pp. 103-104), num jogo, pessoal, com o próprio texto

<sup>6</sup> Veja-se o seguinte esquema apresentado pela linguista (p.70).





traduzido: “El traductor encuentra fragmentos de su próprio pasado dispuestos a presentarse, a re-nacer en cualquier momento. Como el escritor, encuentra «borradores y textos hechos trizas. Es decir su cultura... el 'bagage' de sus lecturas, como si cupiese en una maleta. El pasado de sus lecturas, en tanto que las palabras de ese pasado no están presentes, sino dispuestas a presentarse en la memoria del escritor-escribiente o del traductor.”

A “chave” da tradução estará no ser capaz de atingir um ponto intermédio, em que culturas e línguas dialogarão (ou *adivinharão*) sobre a intenção do autor, tendo sempre em atenção o seu contexto sociocultural. É que, segundo Contente (2008, p. 83), “As frases não são apenas harmonizadas num nível gramatical; existem também exigências de carácter semântico e o contexto situacional. Consequentemente, são importadas as noções de aceitabilidade (gramatical e semântica) e de coesão; a coesão determina a apropriação de uma frase correcta (bem formada) a um contexto”.

### Bullying no Programa Compara: Breve Ilustração

Atentemos, então, agora, na(s) tradução(ões) oferecida(s) pelo Programa *Compara*<sup>7</sup> (Quadro 2).

<a href="#">EBDL5</a> (1005):	Tess, living nearest to Mr Walsh of all his children (Brendan was Assistant Registrar at a northern university, and Dympna's husband was a vet in East Anglia) inevitably had most to do with him, a responsibility she shouldered with a certain amount of self-righteous grumbling to her siblings, and mild <b>bullying</b> of her father.	Tess, sendo, de todos os filhos de Mr. Walsh, a que vivia mais perto dele (Brendan era arquivista numa universidade do Norte e o marido de Dympna era veterinário em East Anglia) era inevitavelmente quem dele mais se ocupava, uma responsabilidade que ela carregava aos ombros com uma certa dose de rezinguice para com os irmãos e uma leve tirania para com o pai.
<a href="#">EBIM2</a> (100):	It was disorienting then to wake what seemed like two minutes later into Vernon's <b>bullying</b> interrogation.	E ficou desorientado ao acordar, segundo lhe parecia, dois minutos mais tarde, com o interrogatório cerrado de Vernon.
<a href="#">EBIM3</a> (486):	Mother had sent Julie to Tom's school that day to talk to the class teacher about the <b>bullying</b> , and	A mãe tinha mandado Julie à escola de Tom para falar com a professora por causa daquela briga e nós

<sup>7</sup> As letras a azul são a codificação pelo *Compara* para organização do seu próprio *corpus*.

	we had been talking about that.	tínhamos estado a conversar sobre isso.
<a href="#">PBAD2</a> (556):	And as if this operatic finale to the great farce so painstakingly arranged by the Captain-General were not enough, it was followed by the political apotheosis with which he ensured, for himself and for the King he served, the continuation of the crimes, the thefts and murders; the burning and pillaging; the extermination of races, which were even condemned by many priests, who benefited indirectly from their enslavement, from their pulpits inlaid with soapstone; the perpetual plundering and misery, the hypocrisy and <b>bullying</b> ; the tyranny of arms in the service of an empire and a faith which were supposed to be for ever blazoned wide in verse; an obscure, feared, baroque, beloved and absolute colonial power before which they were all powerless. *3	E como se não bastasse esse final de ópera, da grande farsa caprichosamente montada pelo Capitão-General, veio a apoteose política, onde ele se assegurava, aos seus e ao rei a que servia, a continuidade dos crimes, dos roubos e trucidamentos; dos incêndios e devastações; do extermínio das raças que mesmo muitos padres, de cuja escravidão eram beneficiários indirectos, de seus púlpitos rendilhados de pedra-sabão, condenavam; da perpétua espoliação e miséria, da hipocrisia e fanfarronadas; da prepotência das armas a serviço de um Império, e de uma Fé, que se queria nos versos para sempre dilatados; de um poder colonial obscuro, temido, barroco, amado e absoluto, diante do qual todos eram sem nenhum valimento.

Quadro 2 – Significados do Programa Compara

Se analisarmos os significados que enformam, em português, o termo *bullying*, apercebemo-nos que em nenhum dos quatro contextos de ocorrência se verifica o “significado directo” (Marques, 1995), isto é, aquele em que não haverá necessidade de recorrer a um contexto discursivo para se “explicar” o significado do elemento linguístico em foco.

Parece-nos, assim, legítimo, neste caso, questionarmo-nos sobre a mencionada objectividade. Será que é realmente exequível reflectirmos sobre significados objectivos sem que haja um relacionamento entre o léxico e o contexto, ou entre o léxico e o sujeito de enunciação?

Vejamos, então.

No primeiro caso, *bullying* remete para o significado de *tiranía*. Se consultarmos o dicionário<sup>8</sup>, verificamos que lhe são atribuídos significados que se prendem com a opressão e com o poder “Conquista do poder pela força (...) desrespeita os direitos

<sup>8</sup> Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*.



(...) pratica (...) o despotismo e a crueldade (...) autoridade opressiva (...) acção desumana ou cruel.” (p. 3568). Mas se analisarmos todo o contexto, reparamos que esta *tiranía* ocorre num contexto familiar, sendo, inclusivamente, suave. Ora, perante os significados apresentados como poderá ser possível considerar-se a tirania “revestida” de suavidade? Com efeito, o tipo de significado que se regista, a nosso ver, é subjectivo, uma vez que há um cruzamento entre o contexto de actualização e o falante.

Na segunda ocorrência, a tradução de *bullying* aponta para *cerrado*. Neste caso, o significado, encontrado no dicionário<sup>9</sup>, evidencia algo que é paradoxal. Se, por um lado, reporta para “...vedando uma passagem (...) Que se apresenta fechado” (p. 769). Por outro lado, atesta “Que se apresenta unido de forma densa” (p. 769). Querirá o tradutor transmitir a ideia de que as perguntas eram tantas que constituíam por si só uma barreira intransponível, fortemente unida, sem pontos de fragilidade através dos quais o inquirido não consiga libertar-se? Um interrogatório policial, por exemplo? Assim, estaremos perante um tipo de significado que é condicionado pelo contexto exterior que envolve o indivíduo.

Se continuarmos, encontramos, também, “Que é vigoroso (...) escuro ou nublado. (...) Que é difícil de entender.” (p. 770). Ora, como se pode verificar, este conjunto de significados leva-nos para um contexto distinto do da “barreira” (material), remetendo-nos para o foro da personalidade/psicologia.

O significado de *briga*, à semelhança de *tiranía*, é aquele que aponta para um contexto de “medição de forças”, na medida em que é relativo à “Disputa entre duas ou mais pessoas, acompanhada de violência física; confronto físico entre pessoas ou animais” (p. 580). Parece-nos que este significado é o que mais se identifica com a violência na escola, como se poderá verificar em Veiga (2000).

A última tradução registada é *fanfarronadas*. No entanto, consultando o dicionário, encontramos “Acto ou comportamento daquele que se gaba e se mostra valente ou corajoso sem o ser; qualidade de fanfarrão” (p. 1691).

Dos quatro significados apresentados, este é aquele que, cremos distanciar-se dos restantes. O contexto de actualização afigura-se ser o mais potenciador do uso de esta palavra, uma vez que é o que mais enquadra uma situação de “agitação”. Contudo, o termo *fanfarrão* é o que evidencia mais “suavidade”, ou seja, que menos se relaciona com *tiranía* e *briga*; talvez pelo facto de o espaço psicológico e o espaço social condicionarem o falante. De facto, podemos observar que a tarefa de traduzir é

---

<sup>9</sup> *Ibidem*.



complexa e árdua. O tradutor tem, frequentemente, de optar por uma tradução e não pela tradução, na medida em que numa dada língua cada significado está sujeito a um conjunto de “caminhos” para traduzir uma determinada palavra; aquela que melhor se adequa ao contexto de comunicação. Mas se repararmos, esta prática não se verifica somente em questões de tradução, uma vez que dentro de uma língua ocorrem situações análogas, quando se (tenta) procurar um sinónimo.

Estamos em crer que, se o linguista, neste caso tradutor, se consciencializar que a língua não é um código uno nem homogéneo e que não existem universais linguísticos, a sua tarefa estará mais facilitada. Preferimos não concordar com Eco (2005: 96), quando afirma que “Existem perdas que podemos definir como absolutas. São os casos em que não é possível traduzir, e se se verificarem casos do género, digamos, no decorrer de um romance, o tradutor recorre à *ultima ratio*, a de pôr uma nota de rodapé – e a nota de rodapé ratifica a sua “derrota”. Um exemplo de perda absoluta dão-no muitos jogos de palavras”. No entanto, terminamos com “...uma velha anedota italiana, que na maior parte das línguas estrangeiras não pode ser traduzida. O director de uma empresa descobre que o seu empregado Rossi desde há uns meses se ausenta todos os dias das três às quatro. Chama o empregado Bianchi e pede-lhe que o siga discretamente, para descobrir onde vai e por que motivo. Bianchi segue Rossi durante uns dias e depois apresenta o relatório ao director: «Todos os dias Rossi sai daqui e compra uma garrafa de espumante, vai a sua casa e entretém-se em relações amorosas com a sua mulher. Depois volta para aqui.» O gerente não compreende porque é que Rossi tem de fazer à tarde o que poderia muito bem fazer de noite, igualmente em casa; Bianchi tenta explicar-se, mas não faz mais do que repetir o seu relatório, quanto muito insistindo naquele *sua*. Por fim, uma vez que não consegue fazer-se entender, opta por esclarecer o assunto, perguntando: «Desculpe, posso tratá-lo por tu?»”. (Idem, *ibidem*).

### Referências Bibliográficas

- Coffin, C. (2004). *Applying English grammar: functional and corpus approaches*. London: Arnold.
- Contente, M. M. (2008). *Terminocriatividade, sinonímia e equivalência interlinguística em medicina*. Lisboa: Edições Colibri.
- Dicionário da *Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Verbo.
- Eco, U. (1962). *Obra aberta*. Lisboa: Difel.



- Eco, U. (2005). *Dizer quase a mesma coisa – Sobre a tradução*. Algés: Difel.
- Evans, G. (ed.) (1999). *Truth and meanings: essays in semantics*. Oxford: Clarendon.
- Grupo TLS (eds.). (2004). *Ética y política de la traducción literaria*. Málaga: Miguel Gómez Ediciones. Acedido em 13/11/2009 em [http://www.linguateca.pt/COMPARA/processa\\_pesquisa.php](http://www.linguateca.pt/COMPARA/processa_pesquisa.php)
- Madeira, A. (2008). “Aquisição de L2”. In P. Osório & R. Meyer (orgs.), *Português língua segunda e língua estrangeira – Da(s) teoria(s) à(s) prática(s)*. Lisboa: Lidel, pp. 189-203.
- Marques, M. E. (1995). *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Morillas, E., & Arias, J. (1997). *El papel del traductor*. Salamanca: Ediciones Colegio de España.
- Osório, P., Meyer, R. M., & Grosso, M. J. (orgs.). (2008). *Português língua segunda e língua estrangeira – Da(s) teoria(s) à(s) prática(s)*. Lisboa: Lidel.
- Partington, A. (1998). *Patterns and meanings: using corpora for English language research and teaching*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Ranchodd, E., & Carvalho, P. (2003). *Unidades lexicais complexas. Problemas de análise e etiquetagem*. In *Actas do VIII Simposio Internacional de Comunicación Social. Santiago de Cuba*.
- Steiner, G. (2002). *Depois de Babel – Aspectos da linguagem e tradução*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Teixeira, M. M. (2008). *A entrada de estrangeirismos na língua portuguesa*. Chamusca: Edições Cosmos.
- Veiga, F. (2000). Violência dos jovens nas escolas em função da família. In A. Fontaine (Coord.), *Parceria família-escola e desenvolvimento da criança* (pp. 121-142). Porto: Porto Editora.